

Vida dedicada à educação

Foto: Vanessa Ruberti

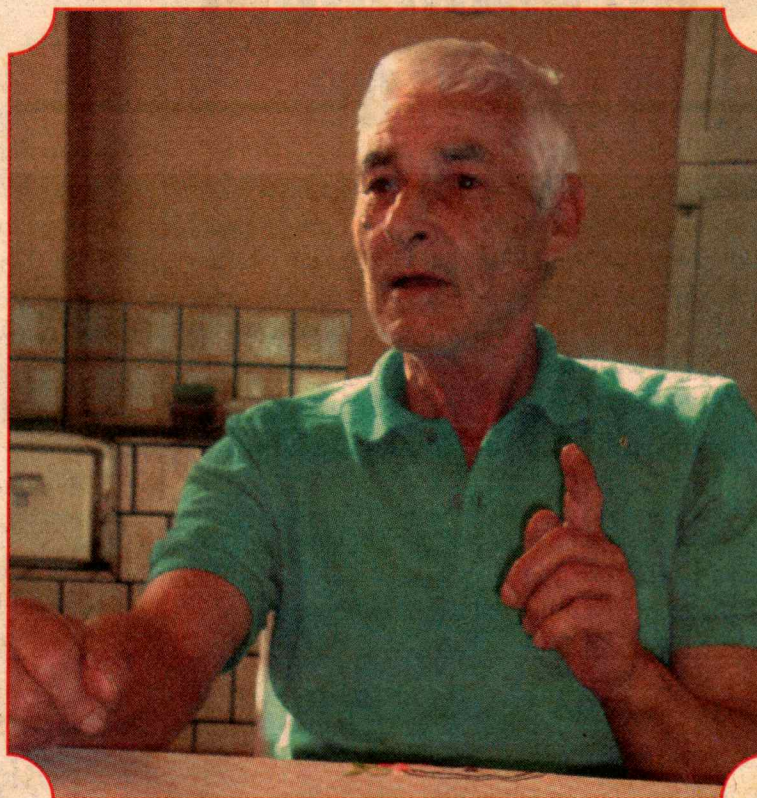
O falar e o escrever bem a língua portuguesa dependem, em boa parte, não só de leitura, mas principalmente também de um bom professor do idioma. E algumas dezenas de neotrentinos, hoje pessoas bem sucedidas nas mais diferentes profissões, não têm dúvida nenhuma em dizer que tal privilégio, que contribuiu realmente para o sucesso profissional de muitos deles, tem um responsável: o professor Newton Benvenuto Cadorin.

Baixinho, inquieto, assíduo e pontual, sempre demonstrava um certo nervosismo e impaciência que segundos depois se traduzia em ternura e, junto com ela, uma explícita paixão para ensinar e de fazer seus alunos compreenderem a importância de se entender o valor do idioma pátrio. Assim era Newton, um mestre verdadeiramente culto, profundo conhecedor da ciência que ensinava, hoje com 70 anos, um inesquecível professor de português que marcou época na educação de centenas de neotrentinos.

Quando criança, o pai, o pedreiro Francisco, queria que aquele menino franzino fosse padre e mandou-o, em 1949,

para o Colégio São Francisco Xavier, em São Paulo, onde terminou o curso primário. De lá, o neotrentino ingressou no Seminário de Nossa Senhora de Sion, em Castro, concluindo o ginásio. Continuando os estudos, voltou a São Paulo e, em seguida, encaminhado para Sapucaí Mirim, em Minas Gerais. Nesses lugares, fez dois anos de Filosofia e uma preparação em Pedagogia. Saiu do seminário poucos antes de vestir a batina. Concluiu a graduação em Filosofia, Sociologia e Psicologia na UFSC, em Florianópolis, em 1973, quando já era professor em Nova Trento desde agosto de 1965, do antigo ginásio e do normal.

Lecionava História Geral, como substituto, até 1966. No ano seguinte passou a ministrar português, no lugar da professora Eda Busnardo, que casou e se mudou para Florianópolis. Assim ficou até 1986, sempre muito requisitado e exigido porque não havia professores nesta área. Newton conseguiu a vaga porque todos sabiam que ex-seminaristas como ele eram profundos conhecedores não só do idioma português, como línguas clássicas,



Newton: Um homem com várias facetas artísticas e personagem efetivamente importante na história de Nova Trento.

como o grego, latim e francês.

“Não era fácil ensinar português, de forma nenhuma. O maior problema é que a maioria dos alunos só falava o português dentro dos muros da escola; fora dali a comunicação se dava através do dialeto. Isso atrapalhava

demais, principalmente quanto à gramática. Mas sempre havia um pequeno grupo de estudantes que se destacava, por já ter mais ou menos delineado um projeto de vida profissional futura, e isso valia à pena ensinar”, recorda Newton.

Uma geração que lê muito pouco

Num retrospecto do perfil do aluno que tinha no seu tempo e o de agora, Newton não tem dúvida em dizer: “Hoje, pelo que consta, o interesse é bem menor, não só por culpa do aluno, que é um produto do meio onde ele vive. A grande verdade é que o idealismo

que o professor tinha no passado não existe hoje. Ele não tem estímulos, principalmente no aspecto financeiro. Se ele não é incentivado, não tem vontade de incentivar quem ele pretende ensinar”.

Os alunos que passaram por Newton recordam que ele, para

facilitar o ensino do português, pedia e exigia, insistentemente, que seus pupilos lessem. Não cansava de recomendar clássicos brasileiros como Machado de Assis, José de Alencar, Monteiro Lobato, Jorge Amado e outros. Alguns, a partir disso, para sua

felicidade, avançavam para os clássicos universais, como Dickens, Dostoiévski e Victor Hugo, dentre tantos outros com os quais teve contato nos tempos de seminário. Compartilhar isso era uma espécie de consagração para aquele dedicado professor.

O lado artístico

No final dos anos 80, quando estava próximo a se aposentar, Newton aproveitava as aulas vagas para rascunhar a poesia daquele que se tornaria, em 1990, o hino do Colégio Francisco Mazzola, desde então alegremente cantado nas grandes festividades da instituição. Para tal composição, fez uso de seus conhecimentos de música, que aprendeu nos tempos de seminário, quando teve “a graça”, como ele mesmo diz, de ter como professor de canto e filarmônica o famoso maestro e compositor Silvio Bacarelli. Com ele, conheceu Beethoven, Verdi, Mozart e outros grandes nomes da música clássica universal.

Bacarelli foi além com aquele aluno especial: “No seminário, ele vinha diretamente a mim, me tirando cedo da cama, toda vez que, numa peça musical, precisava da voz única de soprano de um menino para cantar em momentos especiais de uma celebração, como a que se segue a consagração, na missa”, recorda Newton, cujo lado musical, em Nova Trento, tornou conhecido tocando pistão, durante 16 anos, na Banda Padre Sabbatini.

Além das várias poesias que compôs, e dos livros que editou, outra ocupação exercida atualmente pelo ex-professor é a de restaurador de estátuas. Aprendeu sozinho e faz isso há mais ou menos 25 anos. Professor, poeta, músico e restaurador. Quatro diferentes facetas que fazem de Newton Benvenuto Cadorin um exemplo digno de louvor e homenagem por ser um modelo de gente neotrentina.